

PSICANÁLISE

Giuseppe Civitaresse

Teoria do campo psicanalítico

Uma introdução contemporânea

Blucher

TEORIA DO CAMPO PSICANALÍTICO

Introdução contemporânea

Giuseppe Civitarese

Tradução

Tania Mara Zalcberg

2ª edição revista e ampliada

Teoria do campo psicanalítico: introdução contemporânea

© 2025 Christophe Dejours

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Departamento de produção

Tradução Tania Mara Zalcborg

Preparação de texto Karoline Cussolim

Diagramação Estúdio dS

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Laércio Flenic

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Civitarese, Giuseppe

Teoria do campo psicanalítico : introdução contemporânea / Giuseppe Civitarese ; tradução Tania Mara Zalcborg. – São Paulo : Blucher, 2025.

176 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2610-9 (Impresso)

Titulo original: *Psychoanalytic field theory: a contemporary introduction*.

1. Psicanálise. 2. Identificação projetiva. 3. Psicanálise de pais e bebês. 4. Psicanálise contemporânea. 5. Clínica psicanalítica. 6. Teoria Bioniana de Campo (TCA). 7. Bion, Wilfred Ruprecht, 1897-1979. I. Titulo. II. Zalcborg, Tania Mara.

CDU 159.964.2

Índice para o catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

| | |
|--|-----|
| Apresentação | 9 |
| Introdução | 11 |
| 1. As origens da teoria de campo | 15 |
| 2. Conceitos básicos | 25 |
| 3. O modelo da relação mãe-bebê | 51 |
| 4. Como a Teoria Bioniana de Campo cura? | 63 |
| 5. Exemplos clínicos | 87 |
| 6. Controvérsias atuais | 133 |
| 7. A nova crítica psicanalítica | 143 |
| 8. Desenvolvimentos futuros | 157 |
| Referências | 163 |

Apresentação

Escrito por um renomado estudioso da Teoria Bioniana de Campo, este volume fundamental apresenta uma introdução completa a todas as facetas da teoria psicanalítica de campo, uma das mais vivas e originais correntes de pensamento da psicanálise contemporânea, para proporcionar novas respostas a antigos questionamentos de como a mudança psíquica ocorre.

Com exemplos clínicos para ilustrar temas essenciais de eficácia terapêutica, controvérsias atuais e desenvolvimentos futuros, o livro apresenta uma visão radicalmente intersubjetiva do processo analítico que se concentra no plano da comunicação inconsciente comum a analista e paciente, ultrapassando a divisão eu/você para acessar a substância compartilhada da psique. Não centra o inconsciente como uma região infernal da psique, mas como função importante da personalidade que dá sentido à experiência emocional.

Expondo com clareza conceitos complexos e vinculando-os a detalhadas fontes de informação, este livro é leitura importante para todos os interessados em psicanálise contemporânea, sejam médicos, estagiários e estudantes.

Introdução

Gostaria de começar dizendo que não diferenciarei Bion da Teoria Pós-Bioniana do Campo Analítico (TCA = Teoria Bioniana de Campo [BFT = Bion Field Theory]), especialmente em relação à sua parte teórica. A TCA é o desenvolvimento mais original do pensamento de Bion, o que a torna de grande utilidade no nível de técnica de tratamento graças às inserções retiradas de outras tradições. Em parte, Bion e a Teoria Pós-bioniana do Campo Analítico se sobrepõem, embora, na verdade, minha leitura de Bion seja inevitavelmente influenciada pela TCA; ao mesmo tempo, espero que as outras raízes teóricas da TCA aos poucos se tornem mais claras.

Embora façam parte de um continuum que inclui a psicanálise clássica e a kleiniana, alguns conceitos de Bion representam, na verdade, uma mudança de paradigma, conforme descrito por Kuhn (1962). Introduz-se um vocabulário totalmente novo, incluindo principalmente as noções de transformação e invariância, O, continente-contido, grade, alucinose, *at-one-ment*, *rêverie*, capacidade negativa e fé, fato selecionado, pensamento onírico de vigília, função alfa, elementos beta e alfa, pensamentos oníricos, linguagem de êxito,

pré-conceito, suposto básico, parte não psicótica da personalidade, ideia messiânica, establishment etc.

O conceito de identificação projetiva também é usado em sentido idiossincrático, não para denotar um fenômeno patológico, mas um meio fisiológico de comunicação. No contexto de uma psicanálise baseada numa psicologia essencialmente unipessoal, a identificação projetiva ainda não surge como conceito verdadeiramente relacional. No entanto, se for alojada numa psicologia bipessoal, não numa psicologia do sujeito visto de maneira isolada, revela-se imediatamente valiosa como forma de conferir substância clínica e técnica aos conceitos de campo e sistema protomental.¹ Em seu sentido profundamente relacional como modo de comunicação inconsciente que também implica pressão interpessoal real, a identificação projetiva facilita a compreensão das formas e meios pelos quais essa área inconsciente compartilhada pode se formar e como podem ocorrer os processos reais de influência interindividual.

Não só isso. Bion subverte a concepção tradicional de inconsciente e dos sonhos. Os sonhos já não são a estrada real para o inconsciente. Ao contrário, sonhar *cria* o inconsciente; entende-se *sonhar* como capacidade de atribuir significado pessoal à experiência (ou, se quisermos, de criar símbolos), adquirida da mãe no nascimento. O inconsciente torna-se uma *função* psicanalítica da personalidade. A identificação do

1 Para explicar por que os indivíduos tendem, de modo tão intenso, a se ligarem uns aos outros, Bion postula a existência de um “sistema protomental”. Isso deve, obviamente, ser pensado como uma totalidade dentro da qual os indivíduos são apenas elementos dinâmicos em relação a todos os outros. Todos os pressupostos básicos, “atividades mentais que têm em comum o atributo de impulsos emocionais poderosos” (Bion, 1961, p. 146), “o ‘cimento’ que mantém o grupo unido” (López-Corvo, 2002, p. 39), considera-se que estejam depositados nessa totalidade, mesmo que estejam inativos. Também para Bion, portanto, não é possível conceber o sujeito fora de sua dimensão social intrínseca. A psique de um indivíduo transcende os limites físicos desse indivíduo; é transindividual. Além disso, dentro desse sistema, não há distinção entre esfera corporal e mental.

inconsciente com a sociabilidade, com o simbólico e com a linguagem verbal e não verbal – com tudo o que estiver subjacente à aquisição da subjetividade e à capacidade especificamente humana de pensar os pensamentos – talvez não tenha mais clareza em outro lugar do que em Bion. Não se pode fazer confusão com o inconsciente estudado nas neurociências, embora, com certeza, as descobertas feitas nesses campos devam ser levadas em conta pela teoria psicanalítica.

Segundo a TCA, paciente e analista dão vida aos campos intersubjetivos. Como observa Ogden (2009), quando um paciente começa a fazer análise, na verdade *perde a cabeça*, ou seja, adentra uma área psicológica intermediária ou compartilhada com o analista. O paciente estabelece uma comunicação que, por envolvê-lo num nível muito profundo, pode ser canalizada de modo a reparar áreas disfuncionais na sua estrutura grupal interna, bem como restabelecer a conversa permanente entre as várias partes da sua mente em sua busca constante por melhores formas de “pensar” (aqui, pensamento inconsciente, sonho, pensamento etc. devem ser considerados praticamente como sinônimos) sobre o problema emocional do momento. Por isso, usar os conceitos clássicos de transferência e contratransferência para denotar as características do campo analítico pode enganar, uma vez que pressupõem uma situação em que analisando e analista se confrontam “cara a cara” como duas subjetividades totais positivas, legítimas e separadas, cada uma de algum modo “externa” à outra. A perspectiva relacional vê os perfis da famosa figura ambígua de Rubin, a TCA vê o vaso.

Aliás, a capacidade de passar de uma perspectiva para outra de uma figura biestável também explica por que há algumas repetições no livro. Isso depende, por um lado, do fato de, como sei por experiência, algumas questões teóricas serem um pouco difíceis de compreender; por outro, porque é importante ver a mesma coisa, mas de pontos de vista diferentes, para obter uma visão mais integrada.

1. As origens da teoria de campo

Podemos já encontrar o termo “campo” em Bion. Por exemplo, em carta a Rickman datada de 7 de março de 1943, ele escreve: “Quanto mais observo, mais me parece que será necessário fazer um trabalho muito sério de acordo com linhas analíticas e de teoria de campo para elucidar... o sistema atual...” (Conci, 2011, p. 82). O que inequivocamente é uma teoria de campo pode então ser encontrada no artigo publicado no *The Lancet* naquele mesmo ano (Bion & Rickman, 1943), e escrito em parceria por ambos, intitulado *Intra-group tensions in therapy: their study as the task of the group* (*Tensões intragrupos em terapia: seu estudo como tarefa do grupo*), que Lacan (1947) descreveu sem hesitação como um “milagre”. Este se tornaria o primeiro capítulo de *Experiências em Grupos* (Bion, 1961). No entanto, Madeleine e Willy Baranger foram os primeiros a usar o conceito de campo como base de um modelo totalmente novo em psicanálise. No seu artigo *The analytic situation as a dynamic field* (*A situação analítica como campo dinâmico*), publicado originalmente em espanhol, em 1961-1962, eles enfocam as resistências inconscientes relacionadas ao par que impedem o processo analítico – os chamados baluartes (bastiões). Na

opinião deles, superar essas resistências é um dos principais objetivos da análise. Nesse modelo está implícita a noção de que o analista participa da relação com toda a sua subjetividade, em que ela inevitavelmente é apanhada em sequências interativas com o paciente, e só pode avaliar seu significado inconsciente num estágio posterior.

Normalmente, quando se fala de Teoria Bioniana de Campo (TCA), vêm à mente os nomes de Willy e Madeleine Baranger e de Antonino Ferro: especificamente, o ensaio de 1961-1962 dos Baranger, *The analytic situation as a dynamic field*, e o livro de Ferro, de 1992, *The bi-personal field: experiences in child analysis*. Entre esses dois textos, em 1990, foi publicado, na Itália, o livro *La situazione psicoanalitica come campo bipersonale (A situação psicanalítica como campo bipessoal)*, de Baranger & Baranger, editado por Antonino Ferro e Stefania Manfredi, ambos analistas membros da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Como podemos ver, o livro retoma o título do ensaio de trinta anos antes, mas também introduz outros ensaios. É interessante ter em mente que esse artigo foi traduzido para o francês pela primeira vez em 1985; para o inglês, apenas em 2008; e, para o alemão, em 2018. Precisamos esperar até 2009, porém, para encontrar um volume em inglês dos dois autores argentinos: editado por Leticia Glocer, *The work of confluence: listening and interpreting in the psychoanalytic field* (O trabalho de confluência: escuta e interpretação no campo psicanalítico), que contém dez de seus artigos. No livro, há apenas três referências a Bion. A única referência realmente significativa está na passagem em que os autores admitem (mas apenas no ensaio de 1993 que constitui o quinto capítulo) que o seu conceito de fantasia básica do par analítico tem a sua origem não apenas no conceito de fantasia inconsciente de Melanie Klein, mas também no conceito de pressupostos básicos de grupos, conforme descrito por Bion (1961) – em outras palavras, uma fantasia que não existe em nenhum dos participantes fora da situação de grupo.

Embora os Baranger não citem Bion em seu artigo agora clássico, Madeleine Baranger (Churcher, 2008) reconheceu mais tarde que tinha sido influenciada por ele desde o início dos anos 1950:

Ao revermos os estudos de Bion sobre pequenos grupos, modificamos e precisamos nossas ideias, dando uma direção diferente da interação transferência-contratransferência [...]. Pudemos compreender que o campo é muito mais do que interação e relações intersubjetivas [...]. Traduzindo o que se descreve como “suposto básico” do grupo para a situação analítica individual, falamos de “fantasia inconsciente básica emergente na situação analítica, criada pela própria situação de campo [...]. Essa fantasia não é a soma ou combinação das fantasias individuais dos dois membros do par analítico, mas um conjunto original de fantasias criadas pela situação de campo em si. Surge no processo da situação analítica e não tem existência fora da situação de campo, ainda que esteja enraizada no inconsciente dos membros. (Baranger, 2005, p. 62)

Os Baranger são citados 1.656 vezes no Psychoanalytic Electronic Publishing (PEP): 284 vezes antes de 1990 e 1.383 vezes após essa data. Para compreender o “efeito Ferro” na popularidade dos Baranger, precisamos considerar apenas que, no período de cinco anos (1985-1989), 12 das 46 citações são de autores italianos; no período de dois anos (1990-1991), 11 de 22; e no biênio 1992-1993, 29 de 58. Entre eles, além de Ferro e Manfredi, encontramos Adolfo Pazzagli, Gregorio Hautmann, Luciana Nissim Momigliano, Fernando Riolo, Basilio Bonfiglio, Michele Bezoari, Francesco Barale e Cono Barnà. Tudo isso mostra que a recepção das ideias dos Baranger na Itália, três décadas após a publicação do seu artigo seminal, hoje o mais citado em toda a literatura psicanalítica, e a inclusão dessas ideias com as de Bion contribuíram enormemente para a sua fama.

Mas o artigo que instituiu o vínculo definitivo evidente entre as contribuições dos Baranger e de Bion veio à luz alguns anos depois, tendo sido escrito por Bezoari e Ferro (1989). Pelo que pude reconstruir, esse artigo, *Listening, interpretations and transformative functions in the analytical dialogue (Escuta, interpretações e funções transformadoras no diálogo analítico)*, publicado no mesmo ano em italiano e inglês, marca o nascimento da TCA.

Entre os autores que fizeram parte da síntese inicial desenvolvida por Bezoari e Ferro e prosseguida depois principalmente por este último e alguns seguidores seus, além de Baranger e Bion, devemos citar também José Bleger. Ferro sempre deu grande importância ao estudo fundamental de Bleger (1967) sobre a natureza “institucional” do *setting* e dos vários componentes do chamado *meta-ego* do indivíduo (Civitarese, 2008). Depois, temos Francesco Corrao, Eugenio Gaburri, Claudio Neri e Robert Langs. Ao convidar Bion, na década de 1970, para ministrar seminários no centro psicanalítico de Roma, Corrao foi quem promoveu seu pensamento; e no período de dois anos, 1986-1987, ele escreveu tanto sobre o conceito de campo hermenêutico quanto sobre a narrativa como categoria psicanalítica. No mesmo período de dois anos, Gaburri publicou dois ensaios influentes sobre narração e interpretação. Já em 1981, Neri, junto com Corrao, havia editado um número da *Rivista di Psicoanalisi*, revista oficial da SPI, inteiramente dedicado a Bion, incluindo artigos de Eugenio Gaddini, Mauro Mancia e Ignacio Matte-Blanco. Alguns anos depois, junto com Antonello Correale e Paola Fadda, editou *Lecture bioniane* (1987). Por último, cabe a Langs o crédito de ter sido o primeiro a defender o conceito de campo dos Baranger fora da área sul-americana, em 1976, em seu livro intitulado *The bipersonal field (O campo bipessoal)*, cujo título ele admite ter tomado emprestado desse, agora clássico, ensaio. Mais tarde, em 1978, Langs publicou *Interventions in the bipersonal field (Intervenções no campo bipessoal)*. Nesse volume, o autor estadunidense elucida sua concepção de movimento espiral

no diálogo analítico em que se registram ressonâncias inconscientes imediatas ao que foi dito.

Como se pode ver, no TCA convergem influências múltiplas e complexas. Considera-se, contudo, que sua síntese é obra de Bezoari e Ferro. Ao longo dos trinta anos seguintes, esse desenvolvimento prosseguiu principalmente por obra de Ferro e do grupo de estudantes que o rodeavam e se reuniram em Pavia, vindos de diferentes partes do país. Foram atraídos para Pavia por sediar uma renomada Faculdade de Medicina e uma Escola de Psiquiatria, cujos principais professores eram psicanalistas (Dario De Martis e Fausto Petrella). Seus nomes se encontram nas capas de vários livros escritos em conjunto (Ferro et al., 2007) ou editados por Ferro (2013, 2016), ao longo de uma década. Além do presente escritor, e para me limitar ao seu círculo mais restrito de colegas: Maurizio Collovà, Giovanni Foresti, Fulvio Mazzacane, Elena Molinari e Pierluigi Politi, aos quais se uniram posteriormente Mauro Manica e Violet Pietrantonio. Devo também mencionar Sara Boffito e David Ventura, da Itália, e de fora da Itália, Montana Katz, além de Howard Levine e Lawrence Brown, Jack Fohel e seu grupo; e também Robert Snell e Kelly Fuery.

Podemos, portanto, falar legitimamente em Escola de Psicanálise de Pavia. A influência exercida por essa escola tem crescido ao longo do tempo. Com autoridade, Kernberg (2011), Elliott e Prager (2016) e Seligman (2017) listaram a TCA entre as principais correntes da psicanálise contemporânea. Kernberg (2011, p. 634) conclui que “Os desenvolvimentos globais mais significativos dentro do espectro contemporâneo da teoria psicanalítica [...] envolvem a abordagem neobioniana, por um lado, e a abordagem relacional, por outro [...] a abordagem neobioniana expandiu sua influência por toda a Europa, principalmente na Itália e, em certa medida, também na América Latina, sob a influência da obra [...] de Ferro” (p. 634). Seligman (2017) elaborou um mapa fascinante no qual identifica cinco orientações psicanalíticas principais: kleinianos

contemporâneos, freudianos contemporâneos, TCA, psicanálise relacional e psicanálise francesa.

Tentemos agora uma visão unificada da história da psicanálise situando a TCA nesse quadro mais geral. Se examinarmos a história da psicanálise, observamos que começa no *Projeto de uma Psicologia Científica* (1895) de Freud, chegando hoje à psicanálise das relações e à psicanálise do campo analítico. O que isso significa? No início, a perspectiva é de uma ciência natural da psique, nos moldes da química e da física. O analista coloca o paciente, sua história e sua psique sob uma lente e pensa que pode curá-lo explicando os mecanismos inconscientes de pensamento que o levam a fazer certas coisas involuntariamente. Com o tempo, Freud percebe que, como operação puramente cognitiva, esse método não funciona. Ele começa a entender que é preciso passar pela experiência da relação terapêutica. Isso se configura como um novo tipo de neurose “experimental”, no modelo da neurose infantil – mas, dessa vez, “com o analista dentro dela”.

O analista atua como uma *tela em branco* na qual o paciente projeta as imagens inconscientes de seus pais. Contudo, como podemos ver, o analista ainda precisa participar. Aos poucos, os analistas percebem que também têm transferência e contratransferência. Com Melanie Klein, o envolvimento do analista aumenta ainda mais. Por meio da *identificação projetiva*, o paciente tem a fantasia inconsciente de poder controlar a analista a partir de dentro dele, não apenas projetar *para dentro* dela. Dá-se mais um passo com o desenvolvimento do conceito de *enactment*. Uma parte excindida do paciente repete antigos padrões relacionais e, de alguma forma, consegue envolver o analista como personagem do drama que se está representando na análise, mas, mais ou menos, sem conhecimento do analista. A seguir, surgem os diversos conceitos de “terceiro” ou “terceiridade” postulando que, em variadas proporções, a partir do encontro entre mentes se forma uma *terceira mente compartilhada*, obediente às suas próprias leis.

Essas versões do “terceiro”, com o *enactment* como uma variante possível, são, em suma, ainda circunscritas. Além disso, o objetivo da análise é ainda reconstruir a história do paciente e os traumas sofridos por meio da investigação de como o relacionamento é influenciado por esses fenômenos, ou então reintegrar uma parte excindida de sua personalidade cuja natureza é definida exatamente por esses elementos biográficos.

Visivelmente, o fio condutor que une toda a sucessão de modelos psicanalíticos ao longo do tempo reside na tentativa de fornecer um relato mais exato de como o analista (sua personalidade, seu inconsciente) contribui para os fatos da análise. A extensão extrema dessa tendência é a psicanálise de Bion e o seu desenvolvimento subsequente como corporificado na TCA. Por que é assim? Em minha opinião, porque não existe outra teoria que prescreva de forma tão radical e rigorosa que o analista deixe de lado passado e realidade concreta e se concentre o máximo possível no “sonho” da sessão – em que a referência ao sonho serve apenas como lembrete de que o analista deve sempre fazer as perguntas: *Por que isso? Por que agora? O que isso significa da perspectiva do inconsciente?*

Essa proposição é apenas descritiva; não implica automaticamente um juízo de valor. É como dizer que, potencialmente, numa sessão, não importa o que estejam falando, seja de forma verbal ou não verbal, o par analítico está sempre comprometido no nível inconsciente, como uma terceira mente ou Gestalt dinâmica ou grupo de dois, em pensar em si; isto é, acima de tudo, tentar dar sentido à experiência vivida juntos no aqui e agora. Assim como precisamos sempre fornecer oxigênio ao sangue por meio da respiração, também precisamos fornecer significado à mente.

Dito de outro modo: para expandir nossa mente, precisamos criar constantemente novas estruturas de significado, da mesma forma que montamos peças de Lego. Os *elementos beta*, que Bion chama de sensações e emoções brutas que afetam o corpo, são como peças de Lego

às quais faltam os pequenos pinos que permitem se interligar e, assim, impossibilitam criar novos objetos estáveis.

No plano inconsciente, a TCA postula que qualquer troca comunicativa é produto de uma *simetria* perfeita. O analista volta ao plano da *assimetria* ao utilizar conscientemente as teorias da psicanálise para captar o que acontece no plano inconsciente/simétrico da relação. Claro que a comunicação inconsciente não pode ser suspensa: cada onda põe em movimento outra onda (ou ciclo). Se aceitarmos essa reconstrução, vemos que há uma surpreendente continuidade na história da psicanálise, por mais distantes que Bion e TCA pareçam estar de Freud. Finalmente, a afirmação de Freud (1921, p. 69) de que “desde o primeiro momento, a psicologia individual [...] é ao mesmo tempo psicologia social” assume forma teórica eficaz.

A centralidade do conceito de campo fica clara. Em última análise, as raízes desse conceito remontam à física. Em física, o conceito de “campo” descreve a interdependência mútua e as influências à distância que ocorrem entre os elementos de determinado sistema; posteriormente, encontramos isso na teoria da Gestalt, bem como na obra de Kurt Lewin e na filosofia de Merleau-Ponty (Bazzi, 2022). A ideia subjacente é que certos fenômenos só podem ser estudados na sua totalidade dinâmica, considerada mais do que a soma das suas partes. Além disso, postula-se que a investigação da mente humana requer uma psicologia do sujeito em relação ao objeto. Na década de 1960, alguns autores importantes chegaram à mesma conclusão: Winnicott observou que a criança não existe (a menos que seja vista como parte da díade/sistema mãe/filho); Bion, profundamente influenciado por seu primeiro analista, John Rickman, argumentou que é essencial considerar o par analista/paciente como um grupo; de uma perspectiva diferente, Lacan enfatizou a natureza radicalmente intersubjetiva do Ego e o fato de que a realização inicial da subjetividade decorre da alienação primordial do sujeito que se vê refletido no objeto.

Podemos dar a Bion o crédito por ter introduzido na psicanálise pela primeira vez em 1943, o conceito de campo extraído da física. Bion salienta que “o indivíduo num grupo se beneficia da sua experiência se, ao mesmo tempo, puder ter mais exatidão na avaliação da sua posição no campo emocional e, mais capaz de aceitá-la como um fato mesmo que o aumento dessa exatidão fique lamentavelmente aquém de suas necessidades” (1961, p. 45).

Se o grupo é mais do que a soma dos indivíduos que o compõem, não faz sentido, por assim dizer, atender (apenas) aos indivíduos. *Faz mais sentido restabelecer no grupo as condições climáticas que levam ao desenvolvimento conjunto do grupo e do sujeito.* Se, quando dois indivíduos entram em contato, são influenciados pelo campo emocional que é gerado, não faz sentido agir como se ele não existisse. A relação é o principal fator terapêutico, mas então precisamos direcionar nossa atenção não apenas para o que acontece no patamar nobre da interação consciente entre os dois sujeitos; precisamos observar também o que acontece no nível intersubjetivo (indistinto) do porão.

A referência do próprio Bion ao conceito de campo na física é muito específica (no caso, obviamente, ele fala da psicanálise individual):

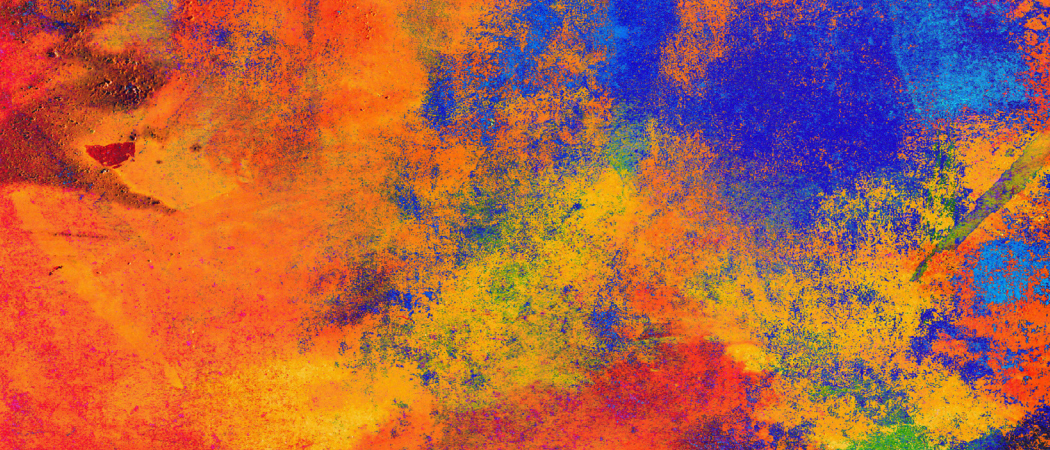
De acordo com Heisenberg, na física atômica surgiu uma situação em que o cientista não pode confiar na visão normalmente aceita de que o pesquisador tem acesso aos fatos, porque os fatos a serem observados são distorcidos pela própria ação de observar. Além disso, o campo em que ele deve observar a relação de um fenômeno com outro é ilimitado em extensão e, ainda assim, nenhum dos fenômenos “dentro” desse campo pode ser ignorado, porque todos interagem. (1965, p. 45, grifos nossos)

E mais: “Um paciente que, a meu ver, apresenta transformação projetiva e exige o uso de teorias kleinianas para compreensão

também utiliza um *campo* que não é simplesmente o analista, ou sua própria personalidade, ou mesmo a relação entre ele e o analista, mas tudo isso e *mais*” (idem., p. 114, grifos nossos).

Penso que, para compreender o Bion “da maturidade”, ou seja, sua produção a partir de *Learning from Experience* (*Aprender com a Experiência*) (1962a), seus escritos mais difíceis e polêmicos e, consequentemente, também a TCA, vale a pena reler não apenas seus maravilhosos ensaios do período kleiniano, reunidos em *Second thoughts* (1967), mas também *Experiences in groups* (*Experiências em grupos*) (1961). Bion passou a vida como acadêmico – provavelmente sem sequer ter plena consciência, já que quase nunca fala¹ a respeito – transpondo sua teoria dos grupos para sua teoria da psicanálise individual. Ele revoluciona a teoria, mas ainda trabalha como kleiniano. Apesar de suas sugestões brilhantes, não desenvolve completamente uma nova técnica. Para ter uma caixa de ferramentas que qualquer pessoa possa usar, tivemos de esperar a TCA. Nesse modelo, o analista não observa no par analítico dois sujeitos isolados interagindo, mas um grupo. Não há “fato” de análise que não possa ser ouvido como co-criado inconscientemente, como um grupo ou fenômeno de campo. É como na física quântica: as partículas não são elementos separados, apenas vibrações que se propagam no campo. Sua posição é apenas probabilística, do mesmo modo, por analogia, como são as diferentes interpretações do mesmo fato.

1 Ao que sei, ele usa o conceito de suposto básico em referência ao indivíduo apenas uma vez, em *Atenção e Interpretação*: “O indivíduo é afetado de forma semelhante pela situação emocional do grupo” (1970, p. 4).



Escrito por um dos mais renomados estudiosos da Teoria do Campo Bioniana no mundo, este volume fundamental oferece uma introdução abrangente a todos os aspectos da teoria psicanalítica do campo – uma das correntes mais dinâmicas e originais do pensamento psicanalítico contemporâneo –, propondo novas respostas para questões antigas sobre como ocorre a mudança psíquica.

Com exemplos clínicos que iluminam temas-chave da eficácia terapêutica, controvérsias atuais e possíveis desdobramentos futuros, o livro apresenta uma visão radicalmente intersubjetiva do processo analítico. Essa abordagem se concentra no plano da comunicação inconsciente comum ao analista e ao paciente, ultrapassando a divisão entre “eu” e “você” para acessar a substância compartilhada da psique. O inconsciente é tratado não como uma região infernal da mente, mas como uma função essencial da personalidade, capaz de atribuir sentido à experiência emocional.

Com exposições claras de conceitos complexos e referências a fontes mais aprofundadas, esta obra é leitura indispensável para todos os clínicos, estudantes e profissionais em formação interessados na psicanálise contemporânea.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2610-9



9

7 8 8 5 2 1 | 2 2 6 1 0 9



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Teoria do campo psicanalítico

Uma introdução contemporânea

Giuseppe Civitarese

ISBN: 9788521226109

Páginas: 176

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
